

A CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA SEGUNDO ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

Selvino Antonio Malfatti

Instituto de Filosofia Luso-Brasileira

Palácio da Independência, Largo de S. Domingos, 11, 1150-320 Lisboa

(351) 213241470 | iflbggeral@gmail.com

Resumo: Neste nosso texto, dissertaremos sobre alguns conceitos de Filosofia na obra António Braz Teixeira.

Palavras-chave: Pensamento português, conceitos de Filosofia, António Braz Teixeira

Abstract: In this text, we will discuss some concepts of Philosophy in the work António Braz Teixeira.

Keywords: Portuguese thought, concepts of Philosophy, António Braz Teixeira

Introdução

Podemos afirmar que uma das maiores contribuições de António Braz Teixeira, filósofo português, foi de ter conseguido individuar a questão das filosofias nacionais e com isso justificar o *modus operandi* da filosofia portuguesa. Este se caracteriza pelo problema móvel de sua filosofia, qual seja: a teodiceia. E a partir deste centro inspirador se desdobra o pensamento português.

Em outras nações a preocupação é diversa. Na Alemanha temos a persistência do sistema, A Inglaterra com a experiência, a França tem como tema central a razão, o Brasil se caracteriza pela preocupação com o homem e Portugal com a divindade. Cada uma destas questões, para cada país, é um *modus operandi* filosófico. E esta peculiaridade se não foi descoberta por Braz Teixeira, ele, como ninguém a evidenciou.

O debate de Braz Teixeira em torno da questão mística se apoia na experiência. Não aquela do sentido inglês, mas do conceito medieval. É entendida como uma vivência de uma inspiração transcendente que se manifesta, por exemplo, através dos Livros Sagrados. Portanto, diametralmente oposta à experiência inglesa que é dos sentidos ao transcendente e em Braz Teixeira do transcendente aos sentidos.

O Modo de ser da Filosofia em Braz Teixeira

O pensamento de Braz Teixeira é abrangente, abarcando praticamente todos os campos da filosofia, com seus adjetivos do Direito, Antropologia, História, sociologia, hermenêutica, gnosiologia e outros. Dentre estes destaco a importância da Concepção de Filosofia em Braz Teixeira.

Para ele a filosofia é eminentemente nacional. Por quê? Por que é o próprio problema da filosofia: ser inserida na vida. A existência isolada só existe na vida tribal. Não civilização todo o universal está contido no individual e vice-versa. Neste sentido a filosofia de cada país é também universal porquanto compartilha na busca da verdade plural e convergente. Tal como Sísifo que, ao alcançar o objetivo, deveria voltar novamente ao começo. A filosofia deve sempre por em causa, interrogação esta que nunca consegue captar de uma só vez o que é perene. A causa disso está na condição em que se elabora a busca. O ser humano está condicionado a um ser no mundo, vinculado a uma pária, língua, cultura, inclusive um culto. Como consequência o filosofar é individual e nacional como raiz e ponto de partida, é múltiplo nos caminhos que perscruta e universal, pois comunga dos mesmos anseios de toda a humanidade.

Consequentemente, não é contraditório, apenas paradoxal, o nacional e o universal. Se a ave tem asas para voar, tem também pernas para caminhar. (TEIXEIRA, in: PAIM, 1997, p. 1).

O Resgate e Justificação de uma filosofia nacional

Foi somente nos tempos atuais que se abriu espaço para as filosofias nacionais. Até então, com pensamento predominantemente racionalista, fazia-se crer que somente poderia existir uma filosofia universal. Este pensamento estava calcado nas meditações de Platão, Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, cujo pensamento deitava suas raízes em Sócrates que defendia os conceitos universais.

A abertura para as filosofias nacionais, conforme Braz Teixeira, adveio como o existencialismo e a fenomenologia. Isto por que para estas teorias filosóficas o pensamento humano está calcado no home histórico. Sendo assim, deve-se buscar a filosofia nos problemas específicos de cada povo. Cada um deles enfrenta concretamente as dificuldades e para elas busca respostas. Com isso, abriram-se as portas para filosofia de cada povo, não só o português, mas a todos, pois cada um, além da universalidade possui sua problemática específica. (TEIXEIRA, 1959, 9-10)

A inserção histórica não anula o compromisso com a verdade. A verdade não é propriedade de nenhum povo, mas de todos. Disso decorre um caráter também universal da filosofia. Alguns temas possuem abrangência universal, precisamente os que se referem à verdade universal. Esta é buscada por cada povo no seu modo próprio de ser.

“O que constitui a sua essência é a busca constante e sempre recomeçada da verdade e não a sua posse. Não é um saber feito, que possa transmitir-se e se vá adicionando, mas um conjunto permanente de interrogações, nunca definitivamente respondidas em que cada resposta que o filosofar a si próprio se dá é sempre uma resposta provisória, que se converte em nova interrogação. Com efeito, enquanto a solução resolve, dissolve, elimina ou suprime o problema, a resposta filosófica não é solucionante, deixando irresoluto o problema e viva a interrogação. Daí que, diversamente do que acontece com os restantes tipos de saber humano, a Filosofia seja, essencial e radicalmente, interrogativa, problemática e não solucionante” TEIXEIRA, 2000a: 16].

O εἶσι (ser) e o logos (saber) para Braz Teixeira

Para o filósofo há uma inadequação imperfeita entre o ser e o saber no homem. O mundo externo do ser humano é transcendente em relação ao pensamento. A realidade é um mistério que somente por analogia se pode conhecê-la. O homem está sempre numa posição de aporia, isto é, nunca tem certeza de que aquilo que conheceu corresponde à realidade. Por isso o autor se refere à realidade como um mistério que só em parte é revelado. Por isso, não se pode falar em contradição entre razão e ser, mas como uma realidade que excede o logos. O mistério da realidade seria como os mistérios da fé, que somente pela Revelação podem ser conhecidos. (TEIXEIRA, 2000^a, p. 27)

No ato de conhecer não somente entra a razão. Primeiramente a certeza de algo se conhece. A partir de então se inicia uma atividade inicialmente como uma intuição, crença, sensação, imaginação como formas de experiência e só posteriormente o discurso racional. Em última análise a filosofia é sempre uma teoria, isto é, uma contemplação de paisagem. O alicerce da filosofia será sempre um pressuposto intuitivo e a consequência do conhecimento por ela adquirido uma hipótese.

Concluindo: o filosofar para o pensador Braz Teixeira é uma atividade humana, concreta, com língua, cultura e mesmo fé. Se assim é, as raízes da filosofia estão na sua nação. Mas não necessariamente se esgota aqui. Com este suporte histórico-cultural pode aventurar-se em transcendê-lo e com isso chega ao pensamento universal. A nação é a ponte e universal é o outro lado.

“Por outro lado, se a Filosofia é actividade ou processo da razão que se interroga a partir de uma intuição ou visão a que sempre regressa ou a que sempre se refere, está também sempre condicionada pela língua em que o filósofo pensa, já que não há pensamento sem palavra nem linguagem, ainda que este não se pretenda comunicar pela fala ou pela escrita (...). Deste modo, não pode haver verdadeiro pensamento filosófico, enquanto discurso racional, sem palavras nem linguagem” [Teixeira, 2000^a. P.31].

A filosofia Portuguesa e Brasileira

Braz Teixeira entende que somente em parte é verdadeira a afirmativa de Antonio Paim de que é verdadeira a afirmativa de Antonio Paim de que a filosofia portuguesa gira em torno da ideia de Deus. Pensa o pensador português que somente é verdadeira esta ideia se se tomar como parâmetro a formação do Estado Moderno geral, mas que o Estado português é bem anterior, do século XII. A origem da filosofia portuguesa é

claramente medieval, conforme o autor. Haja vista os inspiradores como, Santo Antonio, Pedro Hispano, Álvaro Pais e tantos outros como podem servir de testemunho. Inclusive, a filosofia portuguesa tem um lastro anterior à formação de seu próprio Estado.

Embora se possa encontrar uma lógica nascente da filosofia portuguesa iniciando com o problema de Deus, junto à questão aparecem como o problema o mistério do conceito de razão, relações entre razão e fé, filosofia e ciência, filosofia e religião. A filosofia portuguesa percorre um trajeto que vai do teísmo cristão, passando para o deísmo, pelo panteísmo, chega ao ateísmo ético. Em seguida passa a perguntar-se pelos limites da razão e sobre o seu conhecimento. Admite, posteriormente, o irracional cognitivo e outras formas gnósticas como intuição, sentimento, imaginação e crença. Este é um longo caminho percorrido pelos filósofos, Amorim Viana, Antero de Quental, Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra, Álvaro Ribeiro, José Marinho e outros. (TEIXEIRA, Prefácio. In: PAIM, 1997, p.6-7)

Braz Teixeira pensa que a partir do século XX, a filosofia portuguesa começa a dar importância a questões antropológicas, juntamente com a ideia de Deus, às relações entre filosofia e religião e ciência e fé. Desta preocupação a filosofia ramifica seu pensamento para outras dimensões, como História, antropologia filosófica e questões existenciais como o mal, a vida, a morte, liberdade e destino do homem. Debruça-se sobre as questões da autonomia do espírito, cultura, o espiritual, valores, sentimentos. Em que pesem todas as visões que a filosofia portuguesa se abre, fica sempre uma fidelidade, como pano de fundo, um olhar da teodiceia. (TEIXEIRA, id. p. 8-9)

Do mesmo modo, em relação à filosofia brasileira, diferente de Antonio Paim, o qual considera o núcleo da filosofia brasileira o problema antropológico, Braz Teixeira entende que este viés pode ser encontrado contemporaneamente em Miguel Reale e Tobias Barreto, mas originariamente ele também tem um fulcro da Teodiceia como se pode constatar em Domingos Gonçalves de Magalhães, Farias Brito e Vicente Ferreira da Silva. Conclui que ambas as filosofias tem como pano de fundo uma ontologia do Espírito que pode ramificar-se em várias dimensões entre as quais a cultura. (Id. 10-11)

O Papel da Antropologia filosófica em Braz Teixeira

O ramo da Filosofia da antropologia surgiu ao natural a partir do momento que foram superadas, no decorrer do século XIX, determinadas teses do racionalismo, acuado pela crítica movida pela fenomenologia, axiologia e existencialismo. Tomou-se consciência que havia determinadas realidades irreduzíveis umas às outras. Como, por exemplo, se dizia que, o que não fosse sociológico seria biológico. A Psicologia filosófica emerge neste vácuo deixado pelo cientificismo. Ela demonstrou a especificidade e irreduzibilidade da vida e da psique à matéria e ao mundo inorgânico. A realidade do espírito, o valor da intuição no conhecimento, a imaginação, o sentimento, enfim, a racionalidade caracteriza um ser concreto e singular: o homem. (TEIXEIRA, 1993. p. 79).

A antropologia da Europa Central e de Portugal trilharam caminhos diversos, devido a questão da problemática nacional. O da Europa central escolheu a ontologia devido à análise fundamentada na fenomenologia. Em Portugal, tendo como leiv motiv nacional a questão de Deus, a antropologia filosófica caminhou para a metafísica, iluminada pelo pensamento cósmico e escatológico, como protótipo podendo ser citado Leonardo Coimbra.

“Deste modo, se a antropologia filosófica contemporânea tende, noutros países e noutros povos do nosso continente, a circunscrever-se a uma dimensão humanista e fechar-se numa finitude temporal e mundana, a filosofia portuguesa tem revelado uma dupla abertura e um duplo horizonte, simultaneamente cósmico e escatológico, pois sabe, como o lembrou Leonardo Coimbra, que o homem é um ser criado em natureza para se fazer em liberdade, pelo que não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro de um mundo a fazer” [Teixeira, 1993, p. 81].

Para Braz Teixeira a Antropologia filosófica serve de elo, nexos, entre o homem que medita e o meditado do homem, isto é, entre a prática e a teoria, entre a experiência e o mundo metafísico. A experiência de homem conduz a metafísica do homem, que é a antropologia. Desde o momento que o homem começa a interrogar a si mesmo e por si mesmo sobre o que é o homem, qual seu destino, o valor e o sentido da vida e do agir, está exercitando a metafísica e por isso a antropologia filosófica possibilita transpor a realidade e situar-se no plano teórico, isto é, filosófico.

O texto do filósofo português por vezes é tão denso que, para não se perder a riqueza do discurso, é melhor citar do que interpretar. É o que acontece com a conclusão sobre o caráter mediador da antropologia filosófica entre o mundo do homem e o mundo descoberto pelo homem no exercício de filosofar. Conclui:

Sendo essencialmente metafísica, a Antropologia Filosófica é mediadora entre a razão teórica, a razão prática e a razão estética, estabelece a necessária articulação entre o mundo da natureza e o mundo do espírito, liga-se, por um lado, à Teodiceia ou à Ontoteologia e à Cosmologia e, por outro, à Ética, à Filosofia da Religião, à Filosofia da História, à Filosofia da Arte e à Filosofia do Direito, enquanto interrogação filosófica sobre a essência, o sentido e o valor do existir e do agir do homem no mundo e das suas criações espirituais" [Teixeira, 2000^a, p 30].

Braz Teixeira confere um valor excepcional à experiência. É através dela que podemos ter acesso à razão. As possibilidades da experiência nos abrem a porta de entrada para várias áreas do conhecimento. É o que acontece com a experiência religiosa.

O Valor da experiência religiosa em Braz Teixeira

Para o autor a intuição nos leva a pensar que há mais experiências que a sensível. É o caso da experiência religiosa que nos possibilita transpor o limiar do racionalismo para entrar num mundo místico. Este valor conferido à experiência mística constitui a peculiaridade da Filosofia Portuguesa. Conforme ele admitir a experiência religiosa como mais uma forma gnosiológica é poder alçar-se a um mundo acessível a poucos.

Acatada como válida para o conhecimento a experiência religiosa o leque das possibilidades de formas de conhecimento se abre e confere legitimidade à sensação, intuição, sentimento, imaginação e crenças. Uma das mais significativas é a ética que transcende a lei, norma, mandamento. O nómeno dos mitos leva ao sagrado, ao divino, à união mística. (TEIXEIRA, 1993, p. 11)

O mistério nos leva à ideia de Deus que constitui o núcleo em torno do que tudo passa a ter sentido, inclusive o próprio ato de filosofar. Isto é o peculiar na Filosofia Portuguesa. Tudo tem origem na ideia de Deus e tudo começa a ter significado a partir desta luz. São palavras do filósofo Braz Teixeira:

“Singularidade do pensamento português tem sido o descobrir e revelar a profunda relação que une Deus, o mal e a saudade e, ao mesmo tempo, mostrar que foram outorgados à liberdade humana, assistida pela graça divina, os meios para minorar ou vencer o mal e contribuir para restaurar aquela original e fraterna harmonia entre todos os seres, para que está ordenada toda a criação" [TEIXEIRA, 1993, p. 12].

A tentativa de encontrar o Absoluto não somente é objeto filosófico, mas é a causa do filosofar, e, portanto, a teodiceia para os para Braz Teixeira é simultaneamente objeto e causa da filosofia. Dir-se-ia que o conteúdo cultural da saudade é aquele lamentar de

buscar e não encontrar o Paraíso que é o Absoluto. O mal e a dor é precisamente o Paraíso Perdido.

Mas o mundo mental português não encontra na saudade algo trágico. Como diria o filósofo português Eduardo Abranches do Soveral, o lírico. A saudade não é de perda, mas de esperança. Inclusive na crença mítica da volta de D. Sebastião. (SOVERAL, 1996, p. 179).

A solução da vivência e convivência humana não está aqui, mas no plano divino. Dele decorrem as respostas das angústias do homem. Diz Braz Teixeira:

A possibilidade de existência de Deus, suma Bondade e sumo Bem, e a realidade insofismável do mal, eis o que, desde o plano do mais desatento viver quotidiano até ao da mais séria e responsável especulação, é para ele causa de inquietação e perplexidade. De tal atitude e problema dá sinal o seu pensamento, com tão funda ressonância, desde a heresia priscilianista aos nossos dias, que por eles acentuadamente se singulariza no quadro do filosofar europeu, como tem já sido notado por alguns dos seus mais esclarecidos intérpretes" [TEIXEIRA, 1964, p. 16].

Para Braz Teixeira a questão do mal é resolvida pela Teologia católica. O mal é a falta do bem e esta lacuna pode ser repostada pela graça divina. A graça divina possibilita os meios para minorar ou vencer o mal restaurar a fraternidade original, não somente entre os homens, mas de toda criação. A graça é o antídoto contra o mal. (TEIXEIRA, 1993, p. 12)

Concomitante à religião outro componente cultural veio constituir o substrato do povo português. Trata-se do patriotismo. Ambos, patriotismo e religião, estão intimamente entrelaçados na História na formação da nacionalidade portuguesa que se tornaram dois círculos complementares: o português um patriota católico e para ser patriota tinha. Este patriotismo estendia-se às colônias. Mormente o Brasil. Os nativos, "brasileiros", assumiram a terra e lutaram para defendê-la lado a lado com os portugueses. Isto se verificou claramente nas invasões por parte de estrangeiros nas suas colônias: os holandeses foram expulsos do Brasil numa luta conjunta, da mesma forma os franceses. O substrato religioso, irmanava o patriotismo de ambos. (SERRÃO, 1989., Vol. I, p. 376-377).

No entanto, o núcleo da filosofia portuguesa é o teológico, conforme Braz Teixeira. Este ponto de chegada se deveu crítica à razão que se arvorou juíza da verdade. Para ele, começou como toda poderosa razão até admitir o irracional. Diz o filósofo:

"Como, porém, o problema de Deus é indissociável do problema do Logos, a crítica filosófica à idéia tradicional da divindade é acompanhada por uma paralela dissolução do conceito iluminista de uma razão clara e segura de si, que recusa todo o negativo e todo o irracional, primeiro através da interrogação sobre os limites da própria razão e sobre o seu saber de si, e, depois, pela admissão progressiva do irracional que recusara, tanto do irracional entitativo, como do irracional cognitivo, e, por fim, pela sua abertura a outras formas gnósticas, como a intuição, a imaginação ou a crença" [TEIXEIRA, 1993, p. 16].

Concluindo o raciocínio, Braz Teixeira pensa que a filosofia portuguesa privilegiou as seguintes questões: a ideia de Deus, o problema do mal, o conceito de razão e as relações entre razão e fé. Filosofia e religião e filosofia e ciência. Embora tenha feito estas opções não significa que tenha se fechado para outras questões, como as questões antropológicas desenvolvidas pela meditação brasileira. A postura portuguesa não se constitui num enclausurar-se numa atitude dogmática, monolítica, definitiva em suas teses, mas aberta a um diálogo especulativo sempre em aberto à revisão através da atividade hermenêutica.

Conclusão

A filosofia existencialista abriu a possibilidade de uma filosofia simultaneamente nacional e universal. E a fenomenologia abriu o espaço para a mística.

Desde o momento que o homem se debruçar sobre questões existenciais vitais como a vida, morte, mal, vida além-morte, Deus está se preocupando com o particular. E desde que procura respostas para os problemas de seu país como política, economia, ética, está meditando sobre questões nacionais. Quando, se alça na busca de uma resposta perene para todas estas questões, então está exercendo uma filosofia universal. Foi tudo isso que Braz Teixeira fez. Conseguiu juntar o individual, o nacional e o universal. O entendimento peculiar do que possa ser a experiência em Braz Teixeira possibilitou o caminho para a justificativa da teodiceia. Se experiência não significa apenas o resultado do conhecimento através dos sentidos, mas da experiência extrassensorial, então o transcendente é acessível ao conhecimento, e por isso, esta dimensão do homem também é válida, tanto quanto a sensível. Ambas, experiência sensorial e mística tem a mesma legitimidade, e, portanto estão em pé de igualdade, conforme Braz Teixeira.

Bibliografia

PAIM, Antonio. *As Filosofias Nacionais*. Londrina, Editora UEL. 1997.

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. *Antonio Braz Teixeira - o homem e a sua obra*. 7^º Encontro Nacional de Professores e Pesquisadores da Filosofia Brasileira. Londrina - Paraná, setembro de 2001.
Disponível: Acesso>[HTTPS://www.ensayistas.org/filosofos/portugal/teixeira/introd.htm](https://www.ensayistas.org/filosofos/portugal/teixeira/introd.htm), 2m 15 de novembro de 2017.

SERÃO, Joel. *Dicionário de História de Portugal*. Vol.I, Livraria Figueirinhas, Porto. 1989.

SOVERAL, Eduardo Abranches. *O Pensamento Luso-Brasileiro – Estudos e Ensaios*. Instituto Superior de Novas Profissões. Lisboa, 1996.

TEIXEIRA, António Braz. *A filosofia jurídica portuguesa actual*. Lisboa: Boletim do Ministério da Justiça, 1959.

TEIXEIRA, António Braz [1964]. "O problema do mal na filosofia portuguesa contemporânea". In: *Espiral*. Lisboa, p. 16-23.

TEIXEIRA, António Braz. *Deus, o mal e a saudade: estudos sobre o pensamento português e luso-brasileiro contemporâneo*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1993.

TEIXEIRA, António Braz. *Sentido e valor do direito: introdução à filosofia jurídica*. 2^a edição revista e ampliada. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 2000.